

# GRAMÁTICA DOS JOGOS DE LINGUAGEM E SIGNIFICADO NO SEGUNDO WITTGENSTEIN

## GRAMMAR OF THE LANGUAGE GAMES AND MEANING IN THE SECOND WITTGENSTEIN

Edivaldo Simão de Freitas<sup>1</sup>  
Ícaro Gomes Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo tem o objetivo de discutir a noção de significado (*Bedeutung*) na fase tardia de Wittgenstein recorrendo, majoritariamente, às *Investigações Filosóficas*. Buscando esclarecer o paradigma semântico associado à concepção pragmática da linguagem, realizamos algumas observações pontuais sobre o paradigma lógico-referencialista disposto pelo *Tractatus Logico-Philosophicus*, o qual considerou que o significado das palavras é o objeto que elas substituem e nomeiam. Em seguida, analisamos a definição ostensiva e aquilo o que Wittgenstein chamou de imagem agostiniana da linguagem, destacando as suas repercussões na noção de significado e evidenciando a predominância do nominalismo na tradição ocidental. Em substituição a essa concepção, Wittgenstein realizou a passagem da perspectiva do referencialismo lógico para uma pragmática da linguagem, isto é, a linguagem mediante o uso (*Gebrauch*). A nova posição passa a inseri-la em relação às formas de vida (*Lebensformen*), exigindo critérios públicos e objetivos para a explicação e aprendizado dos jogos de linguagem (*Sprachspiele*), tal qual o significado. Por outro lado, não podemos analisar estas questões desconsiderando o novo posicionamento de Wittgenstein frente aos problemas filosóficos: trata-se de uma filosofia descritiva que visa desfazer estes problemas mediante a composição de gramáticas profundas. Analisaremos as implicações deste posicionamento para a noção de significado que envolve, basicamente, uma semântica da descrição mediante a explicação do uso.

**Palavras-chave:** Significado. Jogo de Linguagem. Gramática. Wittgenstein.

**Abstract:** The article aims to discuss the notion of meaning (*Bedeutung*) in the later phase of Wittgenstein resorting, mainly, to the *Philosophical Investigations*. In order to clarify the semantic paradigm associated with the pragmatic conception of language, we made some specific observations on the logical-referentialist paradigm established by the *Tractatus Logico-Philosophicus*, which considered that the meaning of words is the object they substitute and name. Next, we analyze the ostensible definition and what Wittgenstein called the Augustinian picture of language, highlighting its repercussions on the notion of meaning and evidencing the predominance of the nominalism in the Western tradition. In substitution for this conception, Wittgenstein made the transition from the perspective of logical referentialism to a pragmatics of language, that is, the language through use (*Gebrauch*). The new position starts to insert it in relation to the forms of life (*Lebensformen*), demanding public criteria and objective principles for the explanation and learning of the language games (*Sprachspiele*), as the meaning. On the other hand, we cannot analyze these questions by disregarding Wittgenstein's new position on philosophical problems: it's a descriptive philosophy that seeks to solve these problems by the composition of deep grammars. We'll analyze the implications of this position for the notion of meaning, which basically involves a semantic of description through the explanation of use.

**Keywords:** Meaning. Language Game. Grammar. Wittgenstein.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos da Tradução, Mestre em Filosofia, Bacharel em Filosofia e Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista FUNCAP. E-mail: [edyinaudivel@hotmail.com](mailto:edyinaudivel@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando em Educação e Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista CAPES. E-mail: [riseandfalloficaro@gmail.com](mailto:riseandfalloficaro@gmail.com)

A formação do pensamento de Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (1889-1951) é frequentemente dividida em duas fases distintas: a primeira concernente ao livro *Tractatus Logico-Philosophicus*, e a segunda aos escritos posteriores a 1929, sobretudo as *Investigações Filosóficas*, de publicação póstuma, onde não encontramos o mesmo formalismo lógico presente na primeira. Marcondes apontou que, apesar de existir uma distinção consagrada na filosofia analítica entre “o primeiro e o segundo Wittgenstein”, muitos intérpretes encontraram pontos em comum entre as duas fases, a saber, a tarefa terapêutica da filosofia, o método e a importância da análise da linguagem no esclarecer dos problemas filosóficos tradicionais, o que destacaria a hipótese de uma continuidade e não de uma ruptura em seu pensamento<sup>3</sup>. Não obstante, pautar uma continuidade entre as fases não consiste em defender que as noções da fase inicial permaneceram intactas, sem sofrer algum tipo de deslocamento, adquirir ou perder alguma nuance. Sem dúvida, existem mudanças nítidas expressas no arcabouço conceitual, no método filosófico e no estilo de problematização e escrita: diferentemente do *Tractatus*, cuja redação é escassa em exemplos e impositiva nas proposições conceituais, a segunda fase praticamente só fornece exemplos aos seus leitores e é marcada por conceitos com múltiplas definições. Por outro lado, paira uma espécie de impossibilidade em estudar as *Investigações* sem antes ter se debruçado minimamente sobre o *Tractatus*, tendo em vista que este último é retomado constantemente, mesmo que com a finalidade de refutação.

Existe um amplo debate acadêmico acerca das rupturas e/ou continuidades entre a fase inicial e tardia de Wittgenstein e, como é próprio do processo argumentativo e filosófico, este debate acaba cedendo espaço para a perspectiva um tanto dissonante de David Stern<sup>4</sup> que questiona a ideia de uma reviravolta definitiva, ou seja, a existência de um “ponto de mutação” entre o que se formalizou enquanto as “duas fases” do pensador austríaco, ao invés de considerar uma relação de forças contínuas e conflituosas permeando os seus escritos. Não entraremos nos pormenores que envolvem a discussão, mas concordamos com a glosa de Karl Otto-Apel que, ao comentar a possível existência da continuidade entre as fases inicial e tardia, pontuou que ela residiria no desdobramento da “suspeita de absurdidade”<sup>5</sup> lançada contra qualquer pensamento que se proponha a lançar teorias definitivas. Acreditamos que o pensamento wittgensteiniano, de maneira geral e sem considerar qualquer sistematização que o tenha

---

<sup>3</sup> MARCONDES, 2004, p. 38.

<sup>4</sup> STERN, 2005, p. 187.

<sup>5</sup> APEL, 2000, p. 417.

categorizado em diferentes etapas, assinala um exercício crítico-analítico que resguarda uma constante inquietude, uma dimensão de intranquilidade e de desassossego frente às novas problemáticas que irrompem, não se permitindo acalmar mesmo quando já dispõe de uma doutrina teórica estabelecida, como era o caso do *Tractatus*. Essa qualidade é possível de ser constatada no próprio caráter processual dos seus escritos menores, por onde podemos acompanhar o seu pensamento “em movimento”, lançando e arriscando aforismas, autodenunciando certas ambiguidades, sustentando e refutando hipóteses<sup>6</sup>.

Esta postura frente aos exercícios de pensamento e escrita foi sustentada, em certa medida, por Oskari Kuusela ao defender que Wittgenstein se empenhou em efetuar uma filosofia destituída de dogmatismos, tendo obtido sucesso somente na fase tardia<sup>7</sup>. Ainda segundo Kuusela, isto ocorreu porque Wittgenstein se manteve preso ao método de investigação metafísico em sua fase inicial, ou seja, lançou teses, doutrinas e teorias acerca da essência ou natureza última do seu objeto de investigação: a linguagem. Deve-se ter em mente que o projeto central do *Tractatus* era estabelecer um limite ao pensar, traçá-lo no interior da própria língua (“aquilo o que se pode falar...”) e, assim, definir claramente o que pode ou não ser enunciado, pois o que estivesse para além dos limites da linguagem seria automaticamente considerado absurdo, sem sentido<sup>8</sup>. É daí que surge a distinção entre aquilo que pode ser “dito” (*gesagt*) e aquilo que pode ser tão somente “mostrado” (*gezeigt*), esta última, condição reservada às questões místicas e existenciais que inquietavam o autor, não como uma maneira de negá-las, mas de salvaguardá-las. O conjunto dos aforismos tractatianos é, por conseguinte, uma tentativa de anular ou de “dissolver” os contrassensos provocados pelos usos corriqueiros da linguagem, os quais criam falsos problemas filosóficos.

O empreendimento tractatiano desemboca na concepção de uma linguagem puramente designativa, ou seja, uma linguagem cuja única função é designar o mundo

---

<sup>6</sup> Os escritos wittgensteinianos são comumente divididos em três categorias: poucas publicações, muitos manuscritos (redigidos manualmente) e alguns textos datilografados a partir destes manuscritos. Os textos aumentam se considerarmos as aulas e conversações públicas que foram transcritas e posteriormente circularam em formato datilografado, como é o caso de *O Livro Azul*. A partir destes textos, muitos deles redigidos como anotações ou diários, que podemos contemplar os movimentos de seu pensamento, ainda que muitos deles se misturem com seus anseios pessoais. O *Prototractatus* e os *Cadernos 1914-16* (estudos preliminares para o *Tractatus*), *O Livro Azul* e *O Livro Castanho* (estudos preliminares para as *Investigações*), além de escritos intermediários que envolvem períodos abrangentes, a maioria após 1929: *Gramática Filosófica, Observações sobre os fundamentos da matemática, Cultura e valor*, etc.

<sup>7</sup> KUUSELA, 2008, p. 98.

<sup>8</sup> Wittgenstein apresenta um problema de linguagem associado à preocupação epistemológica de delimitar o campo de atuação das questões filosóficas e científicas. Existiu, ainda, uma preocupação ética implícita neste projeto, pois o ato de delimitar as fronteiras do enunciável revelou a impossibilidade da linguagem em sequer tocar os problemas vitais da humanidade: a felicidade, a morte, as questões místicas e os juízos éticos, os quais ficam restritos ao ato de serem mostrados.

(compreendido na qualidade de “totalidade dos fatos, não das coisas”<sup>9</sup>) através das proposições (concebidas enquanto “o modelo da realidade tal como a pensamos”<sup>10</sup>), o que evidencia uma correspondência entre linguagem e mundo. Mais do que isto: há uma isomorfia entre estas duas instâncias. Em outras palavras, o que o *Tractatus* pauta é uma ontologia linguística na qual a mediação entre linguagem-mundo é orientada pelo que se chamou de forma lógica (*logische Form*), a “condição de possibilidade” que permitira a linguagem se tornar a instância de expressividade do real. A ligação ou a concatenação entre os objetos (coisas) do mundo foi denominada de estado de coisas (*Sachverhalt*). A maneira contingente como as coisas irão se concatenam cria uma estrutura (*Struktur*), intimamente relacionada aos fatos do mundo, e a forma lógica, por sua vez, envolve as possibilidades que essa estrutura pode assumir. A forma (*Form*) é sempre a mesma, mas a estrutura dos estados de coisas é passível de mudança. Neste contexto conceitual, a teoria semântica do primeiro Wittgenstein pauta numa relação entre os nomes (*Names*) e as coisas do mundo, ou seja, há uma relação de nomeação entre eles, produzindo um referencialismo-lógico. “O nome significa o objeto. O objeto é seu significado”<sup>11</sup>. Na hipótese do objeto (*Gegenstand*) que o nome se refere não existir no mundo, também não existirá qualquer valor semântico ali implicado ao nome. É importante frisar que, no *Tractatus*, o significado concerne somente aos nomes e o sentido concerne somente à proposição e, desde que se conheça o significado dos nomes, ou seja, desde que se saiba aos quais objetos eles se referem, o sentido não precisará ser explicado: “a proposição mostra seu sentido”<sup>12</sup>. Em síntese, proposições linguísticas detentoras de sentido (*Sinn*) são somente as que não extrapolam os limites da linguagem (em consequência, nem do mundo), portanto, elas não envolvem nem as contradições lógicas e nem as tautologias, devendo ser a expressão de um fato possível do campo lógico. “O mundo se resolve em fatos”<sup>13</sup>, isto é, em objetos conectados, não isolados um do outro, e o que não pertencer à instância desta factualidade contingente acaba carecendo de sentido e configurando um absurdo (*UnSinn*), o qual poderá ser tão somente mostrado, porém nunca enunciado.

A concepção de filosofia na fase inicial acabou assumindo um estatuto que é, em certa medida, paradoxal: se, por um lado, o *Tractatus* denunciou os problemas filosóficos enquanto absurdos, por outro, o seu método investigativo utilizou os próprios

---

<sup>9</sup> WITTGENSTEIN. *TractatusLogico-Philosophicus*, 1.1.

<sup>10</sup> WITTGENSTEIN. *TractatusLogico-Philosophicus*, 4.01.

<sup>11</sup> WITTGENSTEIN. *TractatusLogico-Philosophicus*, 3.203.

<sup>12</sup> WITTGENSTEIN. *TractatusLogico-Philosophicus*, 4.022.

<sup>13</sup> WITTGENSTEIN. *TractatusLogico-Philosophicus*, 1.2.

elementos que denunciou enquanto absurdos para compor a explanação, isto é, utilizou conceitos que não dizem respeito aos fatos do mundo. Um exemplo disso é a própria forma lógica, a qual não pode ser dita, apenas mostrada, pois se manifesta na atividade de descrição do mundo. Por mais que o projeto tractatiano tenha circunscrito o exercício filosófico a uma atividade que “consiste essencialmente em elucidações”<sup>14</sup>, destituindo a sua dimensão dogmática para concebê-la enquanto exercício de esclarecimento lógico do pensamento, o *Tractatus* não deixou de se configurar como uma doutrina metafísica. “O que não se pode falar, deve-se calar”<sup>15</sup>, em uma palavra: o *Tractatus* configura um livro que carece de sentido às suas próprias proposições.

De maneira semelhante, outra problemática do *Tractatus* que foi revista na fase tardia é que ele instaura um solipsismo ao conceber o significado através da designação: na medida em que o conteúdo semântico é tão somente lançado aos objetos que mantém uma relação lógica de isomorfismo com a linguagem, o significado se torna instrumento da vontade de um Eu. Isto reverbera, igualmente, quando o que Wittgenstein pontua que os “limites da linguagem significam os limites do meu mundo”<sup>16</sup> e, por fim, mergulha em uma concepção evidentemente solipsista e solitária, na qual somente mediante as próprias experiências privadas o Eu pode saber o significado dos objetos que compõem o mundo: “Eu sou o meu mundo. (O microcosmos)”<sup>17</sup>.

Após a publicação do *Tractatus* em 1921, Wittgenstein abandona a filosofia para se dedicar ao que lhe surgia como “a tarefa mais imediata: a luta para superar sua própria infelicidade”<sup>18</sup> e resolver os seus impasses existenciais. Ele retorna à atividade filosófica somente em 1929, dando início a um período fértil de produção que, até a sua morte em 1951, contabilizou aproximadamente quarenta mil páginas. As *Investigações Filosóficas*, de 1953, configuram o escrito mais importante desta fase, marcado por uma redação fragmentada que, num primeiro momento de aproximação, é capaz de nos fazer duvidar da presença de algum método investigativo.

Devemos ter em vista que o projeto central da “segunda fase” está assentado na criação de uma orientação nova para a análise da linguagem e na crítica da tendência anterior. Wittgenstein percebeu que a linguagem comum (*ordinary language*) assume uma multiplicidade de funções que não se limitam apenas à nomeação. Aquilo o que se

---

<sup>14</sup> WITTGENSTEIN. *Tractatus Logico-Philosophicus*, 4.112.

<sup>15</sup> WITTGENSTEIN. *Tractatus Logico-Philosophicus*, 6.54.

<sup>16</sup> WITTGENSTEIN. *Tractatus Logico-Philosophicus*, 5.6.

<sup>17</sup> WITTGENSTEIN. *Tractatus Logico-Philosophicus*, 5.63.

<sup>18</sup> MONK, 1995, p. 181.

acreditava ser a “essência” da linguagem na abordagem tractatiana não considerava as múltiplas formas de proposições factuais, as quais não compartilham entre si do mesmo essencialismo posto em questão. Em consequência, o aspecto puramente nominativo da linguagem precisava ser revisitado, ao menos na sua dimensão reducionista, limitada à forma lógica e reduzida à função designativa. Neste contexto, se o *Tractatus* se situa no final da primeira reviravolta linguística (*linguistic-turn*) da história filosofia, a qual foi responsável por substituir a “subjetividade” pela “linguagem” como categoria filosófica principal e disparar férteis discussões na corrente neopositivista ou do empirismo lógico no Círculo de Viena, as *Investigações* foram responsáveis por impulsionarem a segunda reviravolta: a linguístico-pragmática<sup>19</sup>.

### **A imagem agostiniana da linguagem e a definição ostensiva**

Muitos dos estudiosos que defendem uma descontinuidade no pensamento de Wittgenstein se fundamentam no fato do próprio autor ter se referido negativamente ao *Tractatus*, sobretudo ao referencialismo-lógico explicado anteriormente. Em síntese, ficou perceptível que o seu primeiro livro dava continuidade a uma linha de raciocínio milenar consagrada pela tradição filosófica: presente, pelo menos, desde os diálogos platônicos, passando por Agostinho de Hipona (354-430 d. C.) e assim por diante, até desembocar no pensamento de Bertrand Russell (1872-1970), seu orientador no Trinity College de Cambridge nos anos de 1916-17 que, conseqüentemente, o influenciou.

Os primeiros parágrafos das *Investigações* se dedicam a estabelecer uma crítica à busca filosófica pela essência da linguagem e das relações entre o nome(o elemento, o termo ou a expressão linguística) e o nomeado (o objeto, o elemento extralinguístico). Essa relação, como já vimos, esteve presente no *Tractatus* através do isomorfismo entre linguagem-mundo, e Wittgenstein encontrou sob outros aspectos na imagem agostiniana da linguagem ao analisar a seguinte passagem das *Confissões*:

[Quando os adultos nomeavam um objeto qualquer voltando-se para ele, eu o percebia e compreendia que o objeto era designado pelos sons que proferiam, uma vez que queria chamar a atenção para ele. Deduzia isto, porém, de seus gestos, linguagem natural de todos os povos, linguagem que através da mímica e dos movimentos dos olhos, dos movimentos dos membros e do som da voz anuncia os sentimentos da alma, quando esta anseia por alguma coisa, ou segura, ou repele, ou foge. Assim, pouco a pouco eu aprendia a compreender

---

<sup>19</sup> OLIVEIRA, 1996.

o que designam as palavras que eu sempre de novo ouvia proferir nos seus devidos lugares, em diferentes sentenças. Por meio delas eu expressava os meus desejos, assim que minha boca se habituara a esses signos.]<sup>20</sup>

De acordo com a interpretação wittgensteiniana, a “imagem da essência da linguagem humana” se expressa neste fragmento<sup>21</sup> trazendo apontamentos sobre a noção de significado: a ideia de que cada palavra denomina um elemento extralinguístico (um objeto, os afetos privados, o desejo ou a vontade), que as proposições ou sentenças são ligações de tais denominações e que os termos linguísticos possuem valor semântico ao designá-lo. “Nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da ideia: toda palavra tem um significado. Este significado é atribuído à palavra, ele é o objeto que a palavra designa”<sup>22</sup>. No fragmento supracitado, o mestre de Hipona descreve a maneira como aprendeu a falar, ou seja, o processo de aquisição da linguagem a partir da definição ostensiva (ato de apontar, designar, nomear as coisas), que para Wittgenstein se trata de uma linguagem primitiva, elementar, simplificada em relação à maneira como realmente a utilizamos no dia-a-dia. A implicação semântica desta concepção ganha sua dimensão interpretativa a partir do que Wittgenstein reiterou: “toda palavra tem um significado...”.

A definição ostensiva estabelece uma conexão nominativa entre a linguagem e os elementos extralinguísticos, entretanto, os termos linguísticos não recebem qualquer categorização. “Santo Agostinho não fala de uma diferença de espécies de palavras”<sup>23</sup>. Teriam as palavras uma homogeneidade categorial? Ao invés de falarmos de classes de palavras, como fazem os gramáticos, falaríamos de uma *única* espécie de palavra? O que seria a imagem linguística nesta ocasião senão as próprias palavras espelhadas nas coisas do mundo? A “linguagem como expressão do mundo” em Agostinho somente descreve os objetos de forma primitiva, isto é, pelo ato de apontar, pelos gestos, pela

---

<sup>20</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 1.

<sup>21</sup> A concepção de uma imagem agostiniana da linguagem, de fato, não fica explícita na passagem citada por Wittgenstein, isto é, não há realmente uma teoria sendo expressa por Agostinho de maneira categórica ou conceitual. Convém salientar que a noção de Santo Agostinho acerca da linguagem, na verdade, é mais complexa e ampla do que a passagem que foi interpretada por Wittgenstein nas *Investigações*: “Ele trata mais amplamente desse tema, sobretudo em quatro obras: no *De Magistro* (escrito entre 388 e 391), que é a sua obra mais importante sobre a linguagem, tratando do tema de maneira mais específica e detalhada; no *De Dialectica* (386-387), que também trata exclusivamente da linguagem, mas de maneira mais breve, além de ser uma obra inconclusa e de autoria duvidosa; no *De Doctrina Christiana: Libri IV* (426-427), onde trata da linguagem em vista da justificação de normas hermenêuticas de leitura da Sagrada Escritura; e no *De Trinitate: Libri XV* (399-412), onde reflete sobre a linguagem no âmbito da procura de atividades humanas e funcionamentos psíquicos que sirvam de analogia para o mistério trinitário” (VARGAS, 2009, p. 158). Não faremos observações acerca do que tratou Agostinho nas obras mencionadas, nossa finalidade é mostrar como Wittgenstein se serviu das *Confissões* para disparar o seu objetivo.

<sup>22</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 1.

<sup>23</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 1.

forma de olhar, etc. Nisto, ela desconsidera a diferença fundamental entre espécies de palavras, isto é, as múltiplas categorizações que se encaixam nas classes nominais, tais como substantivos, adjetivos, pronomes, entre outros, que acabam não fazendo parte da gramática do mestre de Hipona: reducionista, limitada e restrita, ela considera apenas os substantivos de maneira privilegiada (por exemplo, “mesa”, “cadeira”, “pão” e nomes de pessoas) e, num segundo plano, nomes “de certas atividades e qualidades” e palavras como “algo que se terminará por encontrar”<sup>24</sup> (expressões como “aqui”, “ali”, “agora”, “isto”). Wittgenstein nos trouxe, pertinentemente, o seguinte exemplo para demonstrar a insuficiência da nomeação ou designação ostensiva em dar conta da linguagem nos seus múltiplos aspectos: tomemos hipoteticamente uma pessoa que vai à feira fazer compras, levando consigo um papel onde tem escrito: “cinco maçãs vermelhas”. Quando partimos da imagem agostiniana da linguagem, tendemos a considerar que numerais, expressões dêiticas e alguns advérbios designam (*bezeichnen*) da mesma forma que a palavra “maçã” designa um objeto ou a palavra “dor” designa uma sensação privada. Os três signos aqui elencados (cinco, maçãs, vermelhas) tendem a serem simplificados e se transformarem, cada um, em objetos a serem designados. A procura pelo significado de cada um destes signos envolveria determinar a qual objeto eles se referem e, no entanto, se trata de uma aplicação completamente diferente para cada um dos casos. Como saber, de fato, ao que se referem através da definição ostensiva: ao formato, à cor, ao material? Isto evidencia que nós, no dia-a-dia, automaticamente supomos que a pessoa que foi às compras saiba aplicá-los de maneira correta.

A definição do número dois “isto se chama ‘dois’” – enquanto se mostram duas nozes – é perfeitamente exata. – Mas, como se pode definir o dois assim? Aquele a que se dá a definição não sabe então, o que se quer chamar com “dois”; suporá que você chama de “dois” este grupo de nozes! – Pode supor tal coisa; mas talvez não o suponha.<sup>25</sup>

Assim, Wittgenstein percebeu que não se trata de estudar a designação entre os elementos linguísticos e os extralinguísticos, mas a maneira como cada palavra é usada, pois são os diferentes usos que determinarão o significado. Isto marcou um dos tópicos centrais em sua fase tardia: compor uma imagem da linguagem irrestrita, sem se remeter à noção de essência, e que pudesse dar conta de suas múltiplas manifestações efetivas. Ampliar a gramática para além dos substantivos, das expressões dêiticas e dos poucos

<sup>24</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 1.

<sup>25</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 28.



advérbios: a imagem agostiniana da linguagem “não é tudo aquilo que chamamos de linguagem” e sua utilidade se aplica “apenas para esse domínio estritamente delimitado, não para o todo”<sup>26</sup> que se pretendia apresentar.

Poder-se-ia dizer, portanto: a definição ostensiva explica o uso – o significado – da palavra, caso já esteja claro que papel a palavra tem que desempenhar na linguagem. Se sei, no entanto, que alguém quer me explicar a palavra para uma cor, neste caso a explicação ostensiva “isto se chama ‘Sépie’” vai me ajudar na compreensão da palavra. – E pode-se dizer isto se não se esquece que toda espécie de pergunta vincula-se à palavra “saber” ou “estar claro”.<sup>27</sup>

Não obstante, existe uma razão para que concebamos a definição ostensiva – a qual deve ser entendida aqui não somente enquanto “explicar, mas treinar”<sup>28</sup> – com fins ao uso da linguagem. Afinal, ela envolve um método frequente pelo qual introduzimos os recém-nascidos na língua materna, ou pelo qual ensinamos aos estrangeiros a língua nacional. O objetivo do ensino, entretanto, não é que aprendamos a lançar eternamente os mesmos signos linguísticos nos respectivos objetos referenciais: ele intenciona, antes de tudo, o treino para o uso de uma linguagem específica. “Toda a explicação tem o seu fundamento no treino. (Os educadores deviam lembrar-se disso)”<sup>29</sup>. Wittgenstein, pois, concebe a definição ostensiva enquanto “ensino ostensivo” (*hinweisendes Lehren*) que, afinal, constitui uma importante forma de adestramento ou treinamento (*Abrichtung*) para o uso (*Gebrauch*) da linguagem humana. Por fim, a eficácia da definição ostensiva foi salvaguardada somente neste aspecto.

### Seguimento de regras: gramática dos jogos de linguagem e significado

A filosofia da linguagem agrupa um tipo de investigação filosófica que abarca desde as investigações acerca da linguagem propriamente dita até as investigações em geral que se utilizam da linguagem como ferramenta para compreender aspectos acerca do sistema linguístico, inclusive a função de cada elemento do sistema para a elaboração

---

<sup>26</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 1.

<sup>27</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 30.

<sup>28</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 5.

<sup>29</sup> WITTGENSTEIN. *Fichas (Zettel)*, § 419.

das proposições. O ponto a ser enfatizado nesta sessão é a problemática do “significado” associado à perspectiva pragmática: tópico fundamental para a filosofia da linguagem. A imagem agostiniana pautava que para cada elemento linguístico existe uma referência extralinguística, a qual funciona como seu significado: nesta perspectiva, a maioria dos nomes se comporta como substantivo. Diante deste problema, a ocupação fundamental de Wittgenstein em sua fase tardia se resumiu na composição de uma nova gramática ou algo que podemos denominar de *práxis* gramatical, compreendida sob o prisma da nova imagem da linguagem (que é também, sem dúvida, uma nova imagem semântica) para superar a abordagem teórico-metodológica disposta pelo *Tractatus*. Buscando dar conta, simultaneamente, das dimensões performativa e comunicativa, Wittgenstein realizou o movimento de conceber a linguagem enquanto “jogo”. Aprender um jogo de linguagem exige o treinamento das regras gramaticais que o fundamentam no uso cotidiano. O conceito de gramática (*Grammatik*), aqui posto, se elenca à ideia de que a filosofia “é uma luta contra o enfeitiçamento de nosso intelecto pelos meios de nossa linguagem”<sup>30</sup>. Não se trata, decerto, de uma concepção absolutamente diferente em comparação com a postura da fase inicial, mas da mesma problemática, agora, associada à nova perspectiva – a da linguagem comum ou ordinária (*ordinary language*).

Entretanto, mesmo no plano da linguagem ordinária, a filosofia “não deve, de forma alguma, tocar o uso real da linguagem”<sup>31</sup> e nem pode fundamentá-lo através de qualquer condição de possibilidade, limitando-se a deixar tudo como é: o que ela pode é tão somente descrever o seu uso concreto. A descrição permitiria ao filósofo “dissolver” os problemas filosóficos que o atordoam, possibilitando a tranquilidade do espírito: esta atividade chega ao ponto de resguardar uma dimensão terapêutica para Wittgenstein, e o processo consiste, basicamente, na cura do dogmatismo mediante o reconhecimento da inexistência de qualquer essência ou ideal passível de ser fornecido pela lógica enquanto categoria ao entendimento. Os problemas filosóficos desorientam a mente e resguardam uma profundidade especial, sendo oriundos, tão apenas, da má compreensão da nossa linguagem cotidiana. A tarefa do filósofo, aqui, se resume em desfazer esses equívocos filosóficos completamente, fornecendo elucidações do modo como realmente usamos a linguagem.

A atividade filosófica acaba se tornando descritiva, ou seja, se torna o exercício de compilar recordações com a finalidade de achar e inventar conectivos para fornecer,

---

<sup>30</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 109.

<sup>31</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 124.

assim, uma “exposição de conjunto” das regras gramaticais da linguagem cotidiana. O exercício é, portanto, compor uma gramática dos jogos de linguagem.

Nesta fase, no entanto, não “existe *um* método em filosofia”<sup>32</sup>, mas diferentes métodos ou terapias que podem ser aplicáveis: exemplificações, descrições, analogias, recordações, etc. Wittgenstein realizou, inclusive, uma distinção entre o que seria uma “gramática superficial” e uma “gramática profunda”<sup>33</sup>. A primeira diz respeito à teoria de composição e correção das frases mediante a sintaxe lógica, a qual possibilita aos linguistas distinguirem as proposições declarativas, interrogativas e imperativas, além de apontarem outras diferenças rudimentares em uma perspectiva sintático-semântica que jamais alcança o uso real da linguagem. A segunda, por outro lado, diz respeito aos diferentes modos de emprego da linguagem, o exercício propriamente filosófico que não busca pelo idêntico e nem pelo absolutamente distinto, mas por analogias, um balanço entre semelhanças e dessemelhanças.

Assim, os múltiplos jogos de linguagem se tornam objetos de comparação, através dos quais podemos agrupar em semelhanças de família<sup>34</sup> (*Familienähnlichkeit*), isto é, traços familiares, complexos, redes de similaridades. A “gramática profunda” envolve uma noção ampla: inclui tudo aquilo o que delimita o uso significativo dos signos. Trata-se de uma lógica abrangente que considera os gestos, as expressões faciais, os olhares, além de outros elementos que não foram considerados pelo dogmatismo da tradição ocidental, mas que agora são levados em consideração no processo descritivo, mediante o uso dos termos. Não se trata, entretanto, de compor uma gramática definitiva, mas de coletar elementos linguísticos e extralinguísticos e formar seus traços familiares, sempre deixando o sistema em aberto.

Ao problematizar as expressões da linguagem comum, Wittgenstein formulou a ideia de jogos de linguagem: esboçada em 1930 ao estabelecer analogias entre os jogos de xadrez e os sistemas axiomáticos, comparação que foi inspirada nos “formalistas, que tratavam a aritmética como um jogo praticado com símbolos matemáticos”<sup>35</sup>, apenas em 1932 ela foi estendida para o âmbito da linguagem como um todo.

Através desta analogia, Wittgenstein modificou o foco de atenção que até então havia se voltado para a geometria determinista com pretensões de resolução linguísticas através do cálculo. Agora, nesta nova etapa, ele passou a se interessar pela maneira como

---

<sup>32</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 133.

<sup>33</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 664.

<sup>34</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 130.

<sup>35</sup> GLOCK, 1998, p. 225.

os jogos de linguagem influenciam as práticas humanas. Em *O Livro Azul*, composto por notas ditadas oralmente entre 1933-34 aos seus alunos que, posteriormente, fizeram circular clandestinamente em formato datilografado, Wittgenstein anunciava:

De futuro, chamarei muitas vezes a vossa atenção para aquilo que chamarei de jogos de linguagem. Estes são maneiras mais simples de usar os signos do que as da nossa linguagem altamente complicada de todos os dias. Os jogos de linguagem são as formas de linguagem com que a criança começa a fazer uso das palavras. O estudo dos jogos de linguagem é o estudo de formas primitivas da linguagem ou de linguagens primitivas. Se pretendemos estudar os problemas da verdade e da falsidade, de acordo e desacordo de proposições com a realidade, da natureza da asserção, da suposição e da interrogação, teremos toda a vantagem em examinar as formas primitivas da linguagem em que estas formas de pensamento surgem, sem o pano de fundo perturbador de processos de pensamento muito complicados. Quando examinamos essas formas simples de linguagem, a névoa mental que parece encobrir o uso habitual da linguagem desaparece.<sup>36</sup>

Os lances dos jogos de linguagem devem ser descritos mediante exemplos das suas atividades linguísticas e extralinguísticas, sendo assim, modelos de multiplicidades exemplares. Não há precisão em torno dos limites dos jogos, o que existe é tão somente modelos de similaridades, ainda que plurais, e que guardam parentescos entre si. O § 72 das *Investigações* deixa isto claro: os jogos são como as múltiplas tonalidades e matizes das cores, as quais podem ser descritas, comparadas e agrupadas em torno de elementos que lhes são comuns. Ora, tendo em vista que a concepção de filosofia na fase tardia de Wittgenstein é fundamentalmente descritiva, nada nos impede de afirmar que o conceito de significado também o seja: na medida em que o filósofo descreve, através dos vários métodos existentes, os jogos de linguagem, as regras que os compõem e seus lances, ele deverá descrever em algum momento, certamente, o significado produzido no contexto dessas jogadas. A posição descritiva do significado fica evidente quando Wittgenstein traz a ideia de que, além dos jogos de linguagem possuírem semelhanças de família que serve para agrupá-los em espécies, o próprio significado também possui uma família de significados (*Familie von Bedeutungen*).

(...) pergunta-se sempre: Como foi que aprendemos o significado desta palavra (“bom”, p. ex.)? A mão de que exemplos; em quais jogos de linguagem? (Então você verá, facilmente, que a palavra deve ter uma família de significados.)<sup>37</sup>

<sup>36</sup> WITTGENSTEIN, 1992, p. 47.

<sup>37</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 77.

No entanto, mais adiante Wittgenstein apresentou explicitamente a seguinte noção de significado (*Bedeutung*), dando indícios de que somente descrevê-lo seja uma condição insuficiente.

“O significado da palavra é aquilo que a explicação do significado explica.” Isto é: se você quer entender o uso da palavra “significado”, verifique então o que se chama de “explicação do significado”.<sup>38</sup>

Mais do que descrever (*Beschreiben*), antes de tudo, é preciso que o significado seja explicado por algum falante que já tenha o domínio das regras de uso e seja capaz de esclarecer a consistência semântica dos termos mediante lances específicos nos jogos de linguagem. Explicar (*Erklären*) é, conseqüentemente, uma condição necessária para que se compreenda o significado das palavras, mas não existe, igualmente, um método único para isto. A própria exemplificação pode ser um meio de explicação que busca evitar a generalidade das definições conceituais, e o próprio Wittgenstein a utiliza para situar os leitores no modo como deve ser compreendido (e usado, na forma de vida que envolve o exercício filosófico tal como ele designa) o jogo de linguagem, um conceito, por assim dizer, de contornos imprecisos.

“Só você pode saber se teve a intenção!” Só se pode dizer isto a alguém, se lhes explicarmos o significado da palavra “intenção”. Ela significa então: é *assim* que a usamos.<sup>39</sup>

É importante destacar que os jogos de linguagem não substituem ou rejeitam definitivamente a concepção referencialista ou nominalista do significado. Na realidade, o “alvo” de Wittgenstein é justamente o *reduccionismo* que estas concepções e também a própria definição ostensiva provocam à compreensão da nossa linguagem, realizando uma generalização impertinente: todos os nomes significam o objeto ao qual eles se referem. Para combater isto, devemos compreender que a própria definição ostensiva é ou faz parte de um jogo de linguagem circunscrito em uma forma de vida, normalmente relacionada às situações de ensino, ou seja, de treino (*Abrichtung*): é a transformação, já explicitada, da definição ostensiva no ensino ostensivo (*hinweisendes Lehren*). Todavia, para que o ensino ocorra, as regras de uso da linguagem precisam ser explicadas de acordo com critérios públicos, nunca privados. Já apontamos anteriormente o aspecto de imprecisão da definição ostensiva: na medida em que apontamos para os objetos para

<sup>38</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 560.

<sup>39</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 247.

definir o significado dos nomes, é difícil saber se apontamos para o formato, as cores, o material, etc. Ou seja, ao empregar as palavras já devemos saber, de antemão, a posição que elas ocupam no jogo de linguagem, e isto é algo que a ostensão por si mesma não sustenta, pois cada nome em particular tende a designar um objeto. Por outro lado, ela também levanta uma problemática em torno dos estados mentais, dos afetos e das sensações privadas: estariam estes renegados ao solipsismo no processo explicação do significado das palavras? No parágrafo a seguir, Wittgenstein lança esse problema:

Imaginemos o seguinte caso. Quero escrever um diário sobre a repetição de uma certa sensação. Para isto eu a associo ao signo “S” e escrevo este signo num calendário, cada dia em que tiver a sensação. – Quero fazer notar, em primeiro lugar, que não se pode formular uma definição ostensiva! – Como? Posso apontar para a sensação? – Não em sentido ordinário. No entanto, eu digo ou escrevo o signo e, ao mesmo tempo, concentro minha atenção na sensação – aponto, por assim dizer, interiormente para ela. – Mas para que esta cerimônia? Pois é o que parece ser! Uma definição serve para fixar o significado de um signo. – Ora, é o que acontece exatamente quando se concentra a atenção; pois, desse modo, imprimo em mim a ligação do signo com a sensação. – “Eu a imprimo em mim” só pode querer dizer: este processo faz com que eu, no futuro, me lembre corretamente da ligação. Poder-se-ia dizer aqui: é correto o que sempre me parece correto. E isto significa apenas que aqui não se pode falar de “correto”.<sup>40</sup>

Wittgenstein percebe que as sensações privadas não fornecem um critério para correção do significado das palavras, pois o “objeto” é dado diretamente pelo sujeito da sensação. A definição ostensiva, portanto, se mostra mais uma vez insuficiente e aqui tende explicitamente ao solipsismo. No exemplo supracitado, a associação do signo “S” com a sensação tende à criação de um critério, de uma regra que permita o uso. Porém, trata-se de um processo puramente psicológico, e as justificações subjetivas certamente não configuram como justificativas, e “*acreditar seguir a regra não é: seguir a regra*”<sup>41</sup>. Por isto, não podemos seguir a regra de maneira privada. O significado de “S” será tão somente determinado a partir de uma instância objetiva, compartilhada, intersubjetiva e pública: foi este posicionamento frente à linguagem que permitiu Wittgenstein superar o solipsismo da fase inicial. Em diversas conjunturas, os homens são treinados para seguir as regras de diferentes jogos de linguagem. “Seguir uma regra é uma prática”<sup>42</sup>, é algo “análogo a cumprir uma ordem. Treina-se para isso e reage-se de uma maneira

<sup>40</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 258.

<sup>41</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 202.

<sup>42</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 202.

determinada”<sup>43</sup>. Sem dúvida, o mesmo se aplica à concepção semântica, tendo em vista que a explicação do significado só pode ocorrer mediante as regras de uso.

Conforme Dell’Agnol<sup>44</sup>, os falantes têm uma boa maneira de julgar a aplicação das regras: tendo em vista que elas podem ser carregadas de certas ambiguidades, eles procuram identificar outras regras para que os possam se orientar na comunicação e, assim, o processo termina em um bom julgamento que evite as ambiguidades. O que certifica a compreensão das regras é a própria aplicação, ou seja, estarmos cientes do seu emprego a partir da ação fundamentada nas regras. Para que um falante compreenda as regras, por sua vez, devemos tornar claros os critérios, o regimento de uso, esclarecê-lo por meio da prática ou treino do mesmo. Na prática da linguagem comum e ordinária, as regras só são efetivadas quando as práticas tornam-se a expressão técnica do agir conforme as regras. De acordo com Wittgenstein:

Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez, são hábitos (usos, instituições). Compreender uma frase significa compreender uma língua. Compreender uma língua significa dominar uma técnica.<sup>45</sup>

Correlacionando a noção de jogo de linguagem (*Sprachspiel*) aos processos de natureza semântica, a única maneira de aprender o significado (*Bedeutung*) das palavras é aprendendo a usá-las, assim como as peças de um jogo de xadrez: aprendemos a jogá-lo não associando signos, símbolos matemáticos ao seu referente em peças e objetos – como se naturalmente substituíssem alguma coisa –, mas pela observação efetiva dos movimentos possíveis de tais peças, ou seja, com o seu uso. Uma proposição configura um lance no jogo de linguagem e, desta maneira, ela não apresenta o mesmo significado se estiver fora deste jogo. Mas então, o que veio a se tornar conceitualmente o “jogo de linguagem” nas *Investigações*? Devemos compreender que se trata de uma expressão não estipulada de maneira precisa por Wittgenstein, que se limitou a lançar exemplos a respeito. Não obstante, a noção de jogo de linguagem, além de ser um conceito central nas reflexões da segunda fase, trouxe em si uma “nova imagem” da linguagem ao exercício do pensamento, que desfez a antiga imagem rigorosa, porém reducionista, do seu velho modo de pensá-la, bem como a semântica anterior.

---

<sup>43</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 206.

<sup>44</sup> DELL’AGNOL, 2011, p. 126-7.

<sup>45</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 199.

Daí a razão para Wittgenstein afirmar que “o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida”<sup>46</sup>, ou seja, a atividade linguística em seu aspecto de uso se faz necessariamente como porção de conjunturas sociais e culturais denominadas formas de vida (*Lebensformen*). Mais especificamente: neste pragmatismo a linguagem se vincula a atividades não linguísticas que são marcadas pelo aspecto de vagueza, mas que se efetivam ao entrarem na comunicação. De forma semelhante, devemos ter em vista que as formas de vida também são linguisticamente construídas, o que aponta uma inseparabilidade entre estes dois conceitos. O resultado disto é que a linguagem acaba desembocando em uma multiplicidade: os jogos de linguagem são diversos porque são mediados por incontáveis formas de vida. Embasados em Glock<sup>47</sup>, podemos resumir a forma de vida enquanto um conjunto constituído por padrões de comportamento no qual os jogos de linguagem estão inclusos, sendo estes também um conjunto da própria linguagem e esta parte daqueles.

Na prática do uso da linguagem (...), uma parte grita as palavras, a outra age de acordo com elas; mas na instrução da linguagem vamos encontrar este processo: o aprendiz dá nome aos objetos. Isto é, ele diz a palavra quando o professor aponta para a pedra. – De fato, vai-se encontrar aqui um exercício ainda mais fácil: o aluno repete as palavras que o professor pronuncia – ambos, processos linguísticos semelhantes. (...) Quero chamar esses jogos de “jogos de linguagem”, e falar de uma linguagem primitiva às vezes como de um jogo de linguagem. E poder-se-ia chamar também de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e de repetição da palavra pronunciada. Pense em certo uso que se faz das palavras em brincadeiras de roda.<sup>48</sup>

Por outro lado, há uma definição um tanto sustentável acerca do que seria o “jogo de linguagem” em termos conceituais: é “a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada”<sup>49</sup>. Afinal, é importante ter em vista que os jogos de linguagem também são compostos por práticas humanas. Destarte, a linguagem passa a ser interpretada enquanto forma de vida (*Lebensform*) e assume uma compreensão inteiramente nova, que nada tem a ver com a delimitação de uma linguagem formal e científica: trata-se de entender as regras de uso que atravessam as relações interpessoais. Segundo uma passagem da *Gramática Filosófica*, texto que já antecipava algumas teses das *Investigações*: “(...) olhamos para os jogos e a linguagem

---

<sup>46</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 23.

<sup>47</sup> GLOCK, 1998, p. 174.

<sup>48</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 7.

<sup>49</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 7.



sob o disfarce de um jogo jogado segundo regras. Isto é, estamos sempre comparando a linguagem com um procedimento desse tipo”<sup>50</sup>. Seria importante destacar, ainda, que apesar das formas de vida funcionarem como um fundamento aos jogos de linguagem, não há nada que as fundamente: elas são, pois, absolutamente arbitrárias, mas também se compõem por certa regularidade através das regras de uso da linguagem.

Wittgenstein traz alguns exemplos que demarcam o encontro dos conjuntos linguísticos com as formas de vida no § 23, mostrando também a variedade dos jogos de linguagem, dentre eles: “Ordenar, e agir segundo as ordens”, é o critério linguístico que determina uma posição de governo, um comando a ser obedecido, é uma forma de vida que seu controle situacional em dimensão ética e social. “Cantar cantiga de roda”, é um critério que estabelece uma forma de vida cultural e musical, possivelmente relacionada aos meios escolares onde se preserva as canções infantis como modos de educação das crianças da primeira idade. “Resolver uma tarefa de cálculo aplicado”, é outro critério que determina uma tarefa racional, mais precisamente, um jogo de linguagem situado numa forma de vida aplicada ao contexto dos estudos matemáticos e raciocínio lógico. “Adivinhar enigmas”, “traduzir uma língua para outra”, “pedir, agradecer, praguejar, cumprimentar, rezar”<sup>51</sup>, e assim por diante, todos são exemplos dos jogos de linguagem inseridos em formas de vida. A forma de vida abarca qualquer fenômeno linguístico do agir, desde caminhar numa estrada longa, cantar canções de ninar, exercer atividades de tradutor ao verter uma língua para outra. Como há de se perceber, para cada forma de vida também há contextos práticos que englobam os diversos jogos de linguagem.

A linguagem é como uma coleção de ferramentas. Na caixa há um martelo, uma serra, uma régua, um vidro de cola e cola. Muitas das ferramentas são aparentadas entre si na forma e no uso, e as ferramentas podem ser grosseiras divididas em grupos, segundo suas relações; mas as fronteiras entre esses grupos muitas vezes serão mais ou menos arbitrárias e há vários tipos de relação que se inter cruzam.<sup>52</sup>

As formas de vida evidenciam, portanto, outro paradigma na compreensão do campo linguístico: o *contextualismo*. Os jogos de linguagem permitem a concepção do significado como algo que visa finalidades específicas, efetivadas conforme os “lances” dentro de seu contexto. As noções até aqui expostas também se delimitam pelo aspecto necessariamente público da linguagem e do significado, decorrente das regras públicas

---

<sup>50</sup> WITTGENSTEIN. *Gramática Filosófica*, I, § 26.

<sup>51</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 23.

<sup>52</sup> WITTGENSTEIN. *Gramática Filosófica*, I, § 31.

de uso que fundamentam as jogadas. É só no jogo de linguagem que o significado é conferido à palavra: é tão somente aí que ele se efetiva, inserido no ambiente ordinário no qual os falantes estão inseridos, proferindo seus enunciados, gestos e expressões com algum teor simbólico. Os falantes praticam a comunicação ao fazerem uso da linguagem de forma pública, nas mais variadas formas de vida, situações e necessidades, atribuindo conteúdo semântico conforme o uso da linguagem. “Só no fluxo do pensamento e da vida as palavras têm significado”<sup>53</sup>. De maneira semelhante, é preciso ter em vista que há uma relação intrínseca entre linguagem e comunicação, quer dizer: essa primeira é a forma de expressão da segunda. Portanto, delimitar a consistência ou o valor semântico dependerá do modo como interpretamos o objetivo dos usos nos vários jogos de linguagem. A interpretação, claro, é feita mediante justificativas públicas. Na visão de Wittgenstein, ainda é válido salientar: quando já somos capazes de afirmar sobre nossas próprias sensações e comportamentos pessoais, cuja determinação exige um critério público de identificação, nossas práticas fazem essas sensações e modos de agir se tornarem intercomunicativas. Em outras palavras, há uma concordância intersubjetiva da maneira como denominamos as sensações e nossos comportamentos mediante a expressividade linguística. O critério para compreensão do significado das palavras não é mais dado pelos objetos correspondentes, devendo funcionar, antes, como um padrão de correção puramente linguístico por onde podemos determinar se a ação está sendo feita compreensivelmente e se o enunciado está sendo proferido com significado.

Os jogos de linguagem fazem parte de formas de vida pluriformes, as quais se aprimoram, fazem compreender e constroem os jogos, de tal modo que “representar uma linguagem equivale a representar uma forma de vida”<sup>54</sup>. E o uso não é uma regra normativa, mas aquilo que surge da própria linguagem. Tendo em vista que agora não há mais uma fixação quanto ao que se pode compreender a respeito do significado, o conteúdo semântico deve ser entendido não como uma propriedade que se origina da referência a elementos extralinguísticos, senão como efetivação imanente do próprio exercício linguístico circunscrito em uma forma de vida, contextualizado em práticas que contém objetivos delimitados no uso das expressões linguísticas. É possível que a consistência do significado sofra mudanças dependendo da situação em que a palavra é utilizada e daquilo que se almeja com seu uso. Contrariando a semântica tradicional, a linguagem não deve ser apenas utilizada para representar ou descrever a realidade: ela

---

<sup>53</sup> WITTGENSTEIN. *Fichas (Zettel)*, § 173.

<sup>54</sup> WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*, § 19.

possui outras funções pragmáticas, e para isto devemos levar em consideração toda a performatividade no uso dos termos, expressões e gestos.

### Considerações finais

Wittgenstein chegou a lançar uma série de exemplos, especulações, problemas e questionamentos acerca do modo como usamos a linguagem ordinária, apontando para as implicações semânticas deste processo. Em geral, as considerações partem do esforço em mostrar que o significado das palavras se correlaciona com seu uso em um contexto determinado. Um exemplo disto é o termo linguístico “manga”, que possui valores semânticos diferentes quando utilizado dentro do contexto da botânica, dentro do contexto da confecção de roupas, e até mesmo enquanto uma forma de conjugação verbal (verbo “mangar”). O uso que fazemos das palavras é fundamental para a sua significação. Não basta somente definir o valor significativo dos nomes fazendo referência aos objetos: também é preciso elucidar os usos possíveis de tal palavra, a sua posição e funções nos múltiplos jogos de linguagem.

A partir da apresentação de uma “nova imagem da linguagem” mediante o uso e inserida em múltiplas formas de vida, Wittgenstein recusa seu modo antigo de pensar e critica a tradição ocidental que concebia a linguagem unicamente como finalidades nominalistas ou referencialistas. De forma semelhante, foi criada uma nova imagem do significado: trata-se de uma semântica do uso, melhor ainda, da descrição mediante a explicação do uso, exercício de composição das gramáticas dos jogos de linguagem com a finalidade terapêutica de desfazer os dogmatismos aos quais os problemas filosóficos tendem a nos transportar. Wittgenstein certamente evitou uma definição explícita de muitos conceitos que trouxe nas *Investigações*, e que certamente se articulam à noção de significado. De modo semelhante, seu método filosófico de trabalho com a linguagem também se tornou múltiplo: exemplificações, explicações, descrições, etc. Todavia, não existe um único modo de aplicá-los, pois dependerão de qual gramática está posta em questão: a gramática dos termos psicológicos certamente exigirá ferramentas descritivas diferentes da gramática gestual circunscrita na forma de vida dos deficientes auditivos. Afinal, são jogos de linguagem completamente diferentes.

Naquilo que envolve a noção de significado, não podemos falar de uma teoria no segundo Wittgenstein: tratam-se, antes, de exemplos, reflexões, esclarecimentos, ideias, apontamentos que certamente se afastam de uma perspectiva teórica. Isto é

óbvio, porquanto o próprio pensador austríaco está sendo perfeitamente coerente com o seu novo modo de pensar: não está preocupado em lançar definições conceituais, que tenderiam para uma teoria fechada ou sistematizada, mas em oferecer uma descrição da linguagem comum, o que inclui a sua semântica. Trata-se, como vimos, de compor uma gramática profunda dos diferentes jogos de linguagem mediante a descrição, agrupando-os em semelhanças de família, buscando o comum. Essas gramáticas permanecem sempre em aberto, considerando os novos processos que possam vir a irromper no cotidiano, evitando qualquer posicionamento dogmático. E assim, toda “uma nuvem carregada de filosofia condensa-se numa gota de gramática”<sup>55</sup>. Wittgenstein reformulou a concepção inicial que pautava uma correspondência entre elementos linguísticos e extralinguísticos, linguagem e mundo. Se existe uma dimensão extralinguística na fase tardia, é porque ela considera que as atividades não discursivas também são um modo de exercitar a linguagem (expressões, gestos, práticas, etc.). O grande movimento que foi operado aqui é que o significado deixou de ser fornecido por algo que é exterior à própria a linguagem: as “condições de possibilidade” do significado, portanto, passam a ser tão somente de natureza linguística.

Ao final da discussão, obtemos os seguintes aspectos para a sua semântica: 1) o conceito de significado está isento de uma categorização convencional, extraída de uma gramática normativa; 2) está inserido numa complexidade onde o fenômeno linguístico fica incapaz de ser analisado por uma semântica apenas das frases, pois também leva em consideração as regras de uso e contexto das formas de vida; 3) o significado tem uma implicação conversacional e contextual do seu uso, por onde são consideradas questões acerca do emprego com finalidades comunicacionais; 4) o seu aspecto mais importante parte de uma noção na qual a semântica implica o contexto da análise pragmática, ou seja, é possivelmente coerente e justificável identificá-lo como significado pragmático extraído do uso. Uma última consideração: as categorias conceituais, que funcionam como eixos (“semelhanças de família” e “regras de uso”) dos jogos de linguagem, e os quais são parte da engrenagem (“formas de vida”), permitem descrever o funcionamento da linguagem, bem como as implicações que dela podem derivar: a gramatical, a lexical, e por fim, a semântica. E, como já considerado anteriormente, compreendemos sua nova imagem semântica como descritiva mediante a explicação do uso.

---

<sup>55</sup> WITTGENSTEIN, 2014, p. 287.

## Referências

- ABRAMOVICH, L. S. *Ludwig Wittgenstein e a teoria da literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- APEL, K. O. *A transformação da filosofia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Loyola, 2000.
- DALL'AGNOL, D. *Seguir regras: uma introdução às Investigações Filosóficas de Wittgenstein*. Pelotas: Ed. da UPel, 2011.
- GLOCK, H. J. *Dicionário Wittgenstein*. Trad. de Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- GRAYLING, A. C. *Wittgenstein*. Trad. de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- KUUSELA, O. *The struggle against dogmatism: Wittgenstein and the concept of philosophy*. Cambridge, MA; London, UK: Harvard University Press, 2008.
- MARCONDES, Danilo. *Filosofia analítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- OLIVEIRA, M. A. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.
- RAY, M. *Wittgenstein: o dever do gênio*. Trad. de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SPANIOL, W. Formas de Vida: significado e função no pensamento de Wittgenstein. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 17, p. 11-31, 1990.
- STERN, D. How many Wittgensteins?. In: PICHLER, Alois; SÄÄTELÄ (eds.). *Wittgenstein: the philosopher and his works*. Working Papers from the Wittgenstein Archives at the University of Bergen, n. 17, 2005, p. 164-88.
- VARGAS, W. Sobre a relação de nomeação: a crítica de Wittgenstein a Agostinho e a recepção dessa crítica. *Estudos Filosóficos*, São João del-Rei, MG, n. 2, 2009.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Investigações Filosóficas*. Trad. de Marcos G. Montagnoli. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Gramática Filosófica*. Trad. de Luís Carlos Borges. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Fichas (Zettel)*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O Livro Azul*. Lisboa: Edições 70, 1992.

Recebido em: 20/05/2018

Aprovado em: 19/08/2018